

# Pacote da dívida sai em alguns dias

A negociação com os bancos credores foi reiniciada ontem, com um breve encontro. Os negociadores do Brasil acreditam em acordo breve.

**MOISÉS RABINOVICI**  
Nosso correspondente

**WASHINGTON** — As negociações da dívida brasileira, interrompidas na semana passada, recomeçaram ontem, em Nova York, com um curto encontro do qual representantes do Brasil e do Comitê de Bancos Credores saíram com a mesma informação para a imprensa: "Precisaremos de mais alguns dias para fechar o pacote".

As negociações tinham sido suspensas, no dia 17, com a volta dos negociadores brasileiros ao Brasil, por causa de um impasse quanto ao vínculo entre os desembolsos dos bancos comerciais e o cumprimento de metas de um programa do FMI, pretendido pelos banqueiros. O Brasil teria proposto um "vínculo flexível", pelo qual os acordos com os bancos e o FMI co-existiriam, sem a interrupção automática de desembolsos caso alguma meta não fosse cumprida.

— Temos que ouvir o que os negociadores brasileiros vão nos dizer, agora que voltaram de alguns dias de consultas em Brasília —, disse um banqueiro do comitê ao Estado.

Outro problema das negociações continua sendo a cláusula do acordo que prevê a penhora liminar de bens brasileiros caso os pagamentos sejam suspensos. E mais um, ainda, é o papel que o Banco Mundial poderia assumir, dando as garantias pedidas pelos credores japoneses mas questionadas principalmente pelo governo americano, ou entrando com co-financiamentos ou financiamentos paralelos. Nenhum desses dois pontos evoluiu ainda na direção de uma solução.

O final das longas negociações entre o Brasil e seus credores está sendo aguardado como um marco na crise da dívida. Se o Comitê de Bancos Credores, depois de fechado



AP - 10-12-87

Baker: mais dinheiro

o pacote, conseguir coletar os US\$ 5,2 bilhões prometidos, entre mais de 600 bancos espalhados pelo mundo, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, terá motivos para celebrar: será uma vitória para seu plano de alívio da dívida e crescimento dos países em desenvolvimento com a injeção de mais dinheiro, em troca de mercados mais abertos e reformas econômicas.

Se o pacote brasileiro, fechado, não receber a adesão da comunidade bancária, um grupo de democratas dentro do Congresso americano, apoiado por vários economistas, sairá reforçado: sua tese é a de que a dívida do Terceiro Mundo se tornou impagável, e que o melhor a fazer será reduzi-la.

O choque destas duas abordagens, no Congresso americano, tem impedido que os Estados Unidos deem sua contribuição ao aumento de capital do Banco Mundial em

## FMI ainda analisa as contas do País

A missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) continuou mantendo, ontem, uma série de reuniões de caráter interno, coletando dados e informações relativos às contas externas brasileiras. O técnico responsável pela área externa, Gumersindo Oliveros, e o técnico do Departamento Econômico do Banco Central, Hélio Rebello, deram prosseguimento ao trabalho de distribuição trimestral do balanço de pagamentos. Doris Ross, Eric Clifton e o chefe do Departamento Econômico do BC, Sílvio Rodrigues Alves, analisaram a área de financiamento do setor público, esclarecendo dúvidas sobre a unificação orçamentária.

US\$ 75 bilhões, nos próximos seis anos.

### PERDÃO PARCIAL

A alternativa a novos empréstimos seria pior, como dizem os defensores do Plano Baker. O perdão parcial da dívida desestimularia a economia dos países endividados e cobraria uma participação do contribuinte para salvar os Bancos. O Departamento do Tesouro, o banco Central americano (Federal Reserve) e instituições governamentais parecem dispostos a pressionar para que os credores do Brasil apoiem rapidamente o pacote sendo fechado em Nova York. E isto terá que ser feito antes que algum outro grande devedor amplie a crise, criando uma perspectiva para uma revolta geral dos países endividados. Como disse um especialista em América Latina da Universidade John Hopkins, Riordan Roett, ao *The Washington Post* de ontem: "O Brasil pode ser ruim, mas a Argentina será pior".